



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CENTRO DE CIÊNCIAS DE
GRAJAÚ CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS**

ÂNGELA JESUS CAMPOS DE SÁ

PIBID: uma jornada de aprendizado e transformação educacional em escolas públicas em
Grajaú-MA.

GRAJAÚ/MA

2026

ÂNGELA JESUS CAMPOS DE SÁ

PIBID: uma jornada de aprendizado e transformação educacional em escolas públicas em Grajaú-MA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Grajaú, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Ciências Humanas.

Orientador(a): Profa. Dra. Rosimary Gomes Rocha

GRAJAÚ/MA

2026

ÂNGELA JESUS CAMPOS DE SÁ

PIBID: uma jornada de aprendizado e transformação educacional em escolas públicas em Grajaú-MA.

Aprovado em 12/01/2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Rosimary Gomes Rocha (orientador)
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Prof. Dr. Luciano Rocha da Penha (examinador)
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva (examinador)
UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sá, Ângela Jesus Campos de.

PIBID: uma Jornada de aprendizado e transformação educacional em escolas públicas em Grajaú-MA / Ângela Jesus Campos de Sá. - 2026.

13 f.

Orientador(a): Rosimary Gomes Rocha. Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú, 2026.

1. Pibid. 2. Formação Docente. 3. Geografia. I.

Rocha, Rosimary Gomes. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a Deus, por me guiar, sustentar e iluminar em cada etapa dessa trajetória, a minha família, especialmente meus pais pelo amor, apoio incondicional e por sempre acreditarem em mim, mesmo nos momentos mais difíceis, e ao meu esposo, pelo amor, incentivo e companheirismo constantes. Sem o suporte deles, eu não teria chegado até aqui. Agradeço profundamente à minha orientadora, Dra. Rosimary Gomes Rocha, pelo apoio contínuo e pelas orientações valiosas que guiaram este trabalho, à Universidade Federal do Maranhão (UFMA) pela oportunidade de participar do PIBID, que foi fundamental para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Agradeço também à CAPES, pela parceria e pelo financiamento das bolsas que viabilizou a realização deste projeto.

Agradeço ainda aos colegas do programa PIBID e a todos que contribuíram de alguma forma para a execução deste trabalho.

PIBID: uma jornada de aprendizado e transformação educacional em escolas públicas em Grajaú-MA.

PIBID: A journey of learning and educational transformation in public schools in Grajaú-MA.

RESUMO

Este relato apresenta a experiência desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto de Geografia, realizado na Escola Municipal Hilton Nunes, em Grajaú-MA, entre junho de 2023 e junho de 2024 e em uma segunda escola no ano de 2025, ainda em andamento. O objetivo desse trabalho é relatar as práticas pedagógicas vivenciadas no âmbito do programa e refletir sobre sua contribuição para a formação docente. A metodologia adotada envolveu observação, acompanhamento das aulas, desenvolvimento de projetos didáticos e participação em eventos escolares e acadêmicos. Entre as atividades realizadas, destacam-se os projetos de cartografia e cinema, além de ações na Semana do Meio Ambiente, Dia dos Povos Indígenas e Semana da Consciência Negra. Conclui-se que a experiência no PIBID favoreceu a articulação entre teoria e prática, ampliou a compreensão sobre os desafios da docência e fortaleceu a prática pedagógica como caminho de transformação social.

Palavras-chave: PIBID; Formação docente; Geografia.

ABSTRACT

This report presents the experience developed in the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarships (PIBID), in the Geography subproject, carried out at Escola Municipal Hilton Nunes, in Grajaú-MA, between June 2023 and June 2024 and at a second school in 2025. The purpose of this report is to describe the pedagogical practices experienced within the program and to reflect on its contribution to teacher education. The methodology included classroom observation, pedagogical support, development of didactic projects, and participation in school and academic events. Among the activities carried out, the projects on cartography and cinema stand out, as well as actions during the Environment Week, Indigenous Peoples Day, and Black Consciousness Week. It is concluded that the experience in PIBID favored the articulation between theory and practice, broadened the understanding of the challenges of teaching, and strengthened pedagogical practice as a path of social transformation.

Keywords: PIBID; teacher training; geography.

DE ONDE PARTIMOS: notas introdutórias

Este relato de experiência, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto de Geografia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), tem como objetivo apresentar as atividades desenvolvidas entre junho de 2023 e junho de 2024 na Escola Municipal Hilton Nunes, em Grajaú-MA, bem como algumas ações iniciais do PIBID 2025, realizadas na Escola Municipal José Rodrigues da Costa, ainda em andamento.

O texto busca refletir sobre os desafios enfrentados e as aprendizagens adquiridas durante a prática docente, destacando a importância do PIBID na formação de futuros professores. Para tanto, foram utilizadas metodologias como observação em sala de aula, participação em projetos pedagógicos, registros escritos e discussões coletivas com professores e bolsistas.

Importante enfatizar que o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa do Ministério da Educação por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que proporciona aos alunos dos cursos de licenciatura uma experiência de imersão no contexto escolar, antecipando o vínculo entre os futuros professores e as salas de aula da rede pública. Seu objetivo é contribuir para a melhoria da formação dos licenciandos, oferecendo vivência prática na aplicação dos conhecimentos adquiridos durante a graduação e promovendo a integração entre teoria e prática.

O programa destina-se a dos cursos de licenciatura, professores das escolas públicas de educação básica e docentes das Instituições de Ensino Superior participantes, bem como coordenadores e supervisores do programa.

O relato está estruturado em seções que abordam, inicialmente, o contexto e os objetivos do PIBID; em seguida, descrevem-se as atividades realizadas e os projetos desenvolvidos; e, por fim, apresentam-se reflexões teóricas e considerações finais acerca da experiência.

Iniciei minha participação no subprojeto de Geografia acompanhando alunos do 6º e 7º ano da Escola Municipal Professor Hilton Nunes, localizada na Avenida Maranhão, bairro Canoeiro, que atende estudantes do Ensino Fundamental anos finais em atividades presenciais no turno diurno, destacando-se por sua acessibilidade e inclusão.

Durante minha participação no PIBID, integrei projetos voltados para o ensino de Geografia na educação básica, destacando-se “Interface entre a Geografia, a linguagem cinematográfica e as representações gráficas: proposições metodológicas para o ensino escolar” e “A Geografia e a linguagem cartográfica: proposições metodológicas para o ensino escolar”. No primeiro, utilizamos filmes e representações gráficas para abordar temas geográficos, históricos e ambientais, despertando o interesse dos alunos por tais abordagens. No segundo, desenvolvemos atividades cartográficas de forma lúdica, aproximando os estudantes da Geografia e tornando o aprendizado mais envolvente.

Ao longo dos 12 meses de experiência, observei como as estratégias pedagógicas criativas podem estimular o interesse dos alunos e facilitar a compreensão dos conteúdos. Como afirma Freire (1996, p. 23), “não há docência sem discência”, e essa vivência reforçou a importância de metodologias inovadoras, aproximando teoria e prática e contribuindo para minha formação como futura educadora.

A EDUCAÇÃO ENQUANTO PRÁTICA EMANCIPATÓRIA: o que aprendi com Paulo Freire e bell hooks

A partir da leitura das obras de Paulo Freire e bell hooks, pude compreender a educação como uma ferramenta de libertação e transformação social. Para Paulo Freire (1970), a educação não deve ser um ato de depósito de conhecimento, mas um processo em que educador e educando constroem juntos o saber, através da interação entre os mesmos, valorizando a experiência do aluno e, assim, promovendo a consciência crítica. O autor defende que o conhecimento deve servir para transformar a realidade e possibilitar a autonomia do educando, indo além da simples instrução. Como Freire (1970, p. 39) afirma, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”, mostrando que a educação é um processo coletivo.

Em “Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade”, bell hooks enfatiza que a educação deve ser um espaço de liberdade e criatividade, capaz de estimular os alunos a questionarem normas e romper barreiras impostas pela sociedade. Ela defende que ensinar é desafiar preconceitos, padrões e limitações que impedem o desenvolvimento pleno do indivíduo. hooks manifesta ainda sua admiração por Paulo Freire, reconhecendo que, mesmo sendo um homem branco do Brasil, suas ideias sobre educação libertadora se conectam com sua própria experiência como mulher negra nos Estados Unidos.

Isso mostra que os princípios de uma educação emancipatória podem funcionar em diferentes contextos culturais e sociais, sendo relevantes para todos. Como a própria hooks (1994, p. 273) afirma, “A academia não é o paraíso. Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso pode ser criado”. Essa reflexão demonstra que, apesar das limitações e dificuldades do ambiente educacional, é possível construir, por meio do diálogo e da prática crítica, um espaço de libertação e de novas possibilidades para professores e alunos.

Uma das leituras mais interessantes foi perceber, especialmente com hooks, que o professor não é dono de todo o saber, e que a educação só se torna verdadeiramente significativa quando há troca entre educador e educando. Essa ideia se conecta diretamente com Freire (1970), que, em “Pedagogia do Oprimido”, defende que ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas criar possibilidades para que o aluno construa o saber. Essa abordagem reforça a concepção de uma educação emancipatória, em que o diálogo, a experiência e a participação ativa são fundamentais para o desenvolvimento crítico e a autonomia dos aprendizes.

Essa concepção é aprofundada em “Pedagogia da Autonomia” (1996), quando o autor enfatiza que ensinar exige ética, responsabilidade e respeito aos saberes dos educandos. Freire ressalta que o educador deve assumir uma postura humilde e dialógica, reconhecendo-se também

como sujeito em constante aprendizagem. Dessa forma, o processo educativo passa a valorizar a autonomia do educando, fortalecendo sua capacidade de pensar, decidir e agir sobre a realidade.

A leitura desses dois autores me permitiu perceber que a educação emancipatória exige diálogo, coragem e compromisso social. Tanto Freire quanto hooks¹ defendem que o processo educativo deve estimular os educandos, despertando neles a consciência crítica e a capacidade de atuar de forma transformadora em suas comunidades. Assim, a prática educativa deixa de ser apenas técnica e se torna uma ação política e ética, comprometida com a liberdade, a dignidade e a transformação social.

O ENSINO DE GEOGRAFIA: práticas pedagógicas e interdisciplinares

A experiência vivenciada no âmbito do PIBID me permitiu perceber que o ensino de Geografia se torna mais significativo quando articulado a práticas pedagógicas interdisciplinares. Ao atuar no Ensino Fundamental, observei que a utilização de diferentes recursos didáticos, como o cinema, possibilitou aproximar os conteúdos trabalhados em sala de aula da realidade dos alunos, despertando maior interesse e participação nas atividades propostas.

A partir dessa vivência, compreendi que a interdisciplinaridade contribui para a construção de um aprendizado mais significativo, pois permite relacionar os conteúdos geográficos com outras áreas do conhecimento e com as experiências cotidianas dos estudantes.

Em “Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos”, Lana de Souza Cavalcanti (2012) defende que o ensino da disciplina deve ir além da memorização, focando na construção de conceitos que ajudem o aluno a compreender o seu papel como sujeito no mundo. A autora argumenta que, ao partirmos do cotidiano e das experiências vividas pelos estudantes, possibilitamos que eles desenvolvam um raciocínio geográfico crítico, capaz de relacionar o local com o global.

Essa perspectiva dialoga com a minha prática no PIBID quando utilizei o cinema como recurso didático; ao selecionar filmes que retratavam temas sociais e culturais relevantes, busquei justamente essa mediação que Cavalcanti propõe: transformar o saber comum em conhecimento geográfico sistematizado. Como a própria Cavalcanti (2012, p. 24) afirma, “o ensino de Geografia deve visar o desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade sob o ângulo da espacialidade, contribuindo para que o aluno se reconheça como sujeito social”.

¹ A autora opta pela grafia de seu pseudônimo em letras minúsculas para enfatizar a importância de sua obra e de suas ideias em detrimento de sua identidade pessoal ou ego.

A partir da leitura da obra *Para Ensinar e Aprender Geografia* de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), pude compreender que o aluno precisa interpretar o espaço geográfico de forma crítica, e não apenas passiva e que a utilização de metodologias diferenciadas e de diferentes linguagens faz com que o aprendizado se torne mais significativo. Percebi que essa abordagem transforma a visão dos estudantes sobre a disciplina, que muitas vezes é considerada 'enfadonha' ou 'chata'. E através de atividades lúdicas, como o uso do cinema, é possível despertar o interesse da turma, transformando a Geografia em uma ferramenta viva de leitura da realidade, superando o modelo tradicional de transmissão de conhecimento.

Ao longo das atividades desenvolvidas, também pude compreender as contribuições de Cavalcanti (2012), ao perceber que o ensino de Geografia no Ensino Fundamental deve favorecer a construção do pensamento geográfico dos alunos a partir do lugar em que vivem. A articulação entre teoria e prática mostrou-se fundamental para que os estudantes desenvolvessem uma leitura mais crítica do espaço geográfico.

Em suma no contexto do PIBID, a utilização do cinema como recurso didático revelou-se uma estratégia relevante para o ensino de Geografia. Ao trabalhar essa linguagem interdisciplinar, observei que foi possível articular conteúdos geográficos com aspectos históricos, sociais e culturais, estimulando o debate, a escuta e a participação dos alunos.

Essa prática dialoga com as contribuições de Paulo Freire (1970), ao valorizar o diálogo e a construção coletiva do conhecimento, e com bell hooks (1994), ao compreender a sala de aula como um espaço de troca, liberdade e escuta.

Desafios e aprendizados na escola Municipal Hilton Nunes

Durante minha participação no PIBID, desenvolvi atividades pedagógicas sob a supervisão de uma docente da referida escola, com foco na disciplina de Geografia. Durante esse período, a escola passava por um processo de reforma, o que fez com que as atividades fossem temporariamente realocadas para o prédio da Escola Municipal de Tempo Integral Professora Luísa Coelho de Carvalho. Apesar da mudança, consegui realizar as atividades planejadas, garantindo a continuidade do aprendizado dos alunos e o desenvolvimento da minha prática pedagógica.

Foram trabalhados temas como a natureza dos espaços, com ênfase nos conceitos de espaço natural e espaço geográfico, além da relação entre espaço e sociedade. O método utilizado incluiu a construção de maquetes, em que a turma foi dividida em grupos: um representava o espaço natural e o outro, o espaço geográfico. Para reforçar o aprendizado, foram aplicadas atividades complementares, como a elaboração de questões pelos alunos e o uso de recursos lúdicos, como caça-palavras e cruzadinhas, favorecendo a fixação dos conteúdos de forma interativa e divertida.

Durante essa experiência, observei que alguns alunos demonstravam desinteresse em certas atividades, o que exigiu maior criatividade para manter o engajamento. Por outro lado, o comprometimento do corpo docente, especialmente da supervisora, criou um ambiente de confiança e respeito, favorecendo a participação dos alunos e permitindo que eu aprimorasse minha própria prática pedagógica.

Desenvolvimento do Projeto do Filme: “Estrelas Além do Tempo” na Escola Municipal Hilton Nunes.

Uma das experiências mais desafiadoras foi o desenvolvimento de um projeto coletivo com os demais bolsistas da UFMA, no qual planejamos e discutimos a exibição e análise do filme *Estrelas Além do Tempo*. O objetivo dessa atividade foi potencializar o desempenho de ensino e aprendizagem dos alunos por meio do cinema, explorando conteúdos que vão além da sala de aula tradicional.

O filme, baseado em fatos reais, conta a história de três mulheres afro-americanas que trabalharam como matemáticas na Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço (NASA) e enfrentaram inúmeros desafios devido ao racismo e ao sexismo, proporcionando aos estudantes a oportunidade de refletir sobre contextos sociais e históricos que influenciam a vida cotidiana. Além disso, a execução do filme proporciona uma pausa na rotina cotidiana, permitindo que os alunos aprendam de forma mais lúdica e didática, em um ambiente seguro para dialogar e participar das aulas, especialmente disciplinas como Geografia.

Durante a exibição e as discussões posteriores, foi possível perceber grande envolvimento e interesse por parte dos alunos. Eles demonstraram gostar muito do filme e manifestaram desejo de participar de uma roda de conversa para compartilhar suas impressões e reflexões. Alguns alunos nunca tinham assistido a *Estrelas Além do Tempo*, enquanto outros já conheciam a obra, mas afirmaram que, após o debate, começaram a enxergá-la com um novo olhar, percebendo aspectos relacionados ao racismo, ao gênero e à superação que antes não tinham notado. Essas reações indicam que a atividade proporcionou não apenas entretenimento, mas também uma oportunidade de reflexão crítica e engajamento com os conteúdos sociais e históricos abordados no filme.

Figura 1 - Alunos durante a atividade de assistir ao filme em sala de aula



Fonte: A autora, setembro de 2024.

Legenda: Alunos sentados assistindo o filme (A); Alunos interagindo e discutindo após o filme (B).

Segundo Paulo Freire (1996), a educação deve ser compreendida como um processo de libertação, no qual os alunos não apenas absorvem conteúdos, mas também se tornam críticos e capazes de interpretar a realidade. Nesse sentido, atividades que utilizam recursos como o cinema favorecem a problematização e a reflexão crítica, contribuindo para uma aprendizagem mais significativa. Bell hooks (1994) reforça que o ensino deve ser engajado e inclusivo, promovendo experiências que dialoguem com as vivências dos estudantes e estimulem o pensamento crítico, favorecendo a construção de conhecimento de forma participativa e sensível às desigualdades sociais. E Ribeiro (2019) complementa que compreender as estruturas do racismo exige um esforço consciente de escuta, leitura e reflexão crítica, algo que buscamos proporcionar aos alunos por meio da experiência cinematográfica.

Portanto, a exibição e análise de *Estrelas Além do Tempo* se configura como uma prática didática relevante, pois alia conteúdos curriculares a questões sociais, fomenta o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos discentes e contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, empáticos e críticos, capazes de refletir sobre as desigualdades sociais e o papel da educação na transformação da realidade.

Desenvolvimento do Projeto: Artes gráficas e Cartografia

O segundo projeto desenvolvido, teve como objetivo estimular a criatividade dos alunos e aprofundar o conhecimento sobre o lugar onde vivem, utilizando atividades de pintura, recorte e construção de um mini livro. Durante a atividade, os alunos receberam desenhos representando a sequência de localização no Planeta Terra: Planeta Terra, Continente Americano, Brasil, Região Nordeste, Maranhão, Grajaú, Bairro e, por fim, o desenho de sua própria casa. Eles pintaram, recortaram e dobraram as pontas dos papéis para transformar os desenhos em um mini livro, organizando-os de acordo com a sequência espacial.

Em relação ao estudo da cartografia, trago aqui autores(as) que abordam a temática. Nesse sentido, Almeida (2001), enfatiza que a função da escola é ensinar e sistematizar conhecimentos sobre mapas e outras formas de representação do espaço, preparando o aluno para compreender a organização espacial da sociedade, o que exige técnica e instrumentos gráficos. Já Castellar e Vilhena (2010), destacam que o ensino de cartografia deve ir além da memorização de mapas, contribuindo para a construção do pensamento espacial e para a percepção do lugar como parte de um todo articulado. E Francischett (2000), destaca a importância de trazer o conhecimento científico de forma desmistificada para dentro da sala de aula, promovendo a interação entre o saber formal e o saber vivenciado pelos alunos. Nesse sentido, o projeto possibilitou que os alunos compreendessem a relação entre diferentes escalas geográficas de maneira concreta e lúdica, promovendo aprendizagem significativa.

Durante a aplicação da atividade, a maioria dos alunos demonstrou interesse e entusiasmo. No entanto, percebi que alguns ainda tinham dificuldade em reconhecer o desenho do estado do Maranhão e o continente em que ele está localizado, evidenciando a necessidade de reforçar conceitos fundamentais e adaptar estratégias para atender às diferentes necessidades de aprendizagem da turma.

Essa atividade desenvolvida foi muito importante, pois permitiu que os alunos tivessem um contato com a cartografia, um tema fundamental da Geografia de forma mais lúdica. Ao mesmo tempo, possibilitou trabalhar habilidades artísticas, como pintura, recorte e colagem, integrando conteúdos de forma prática e criativa.

Figura 2- Produção da atividade de cartografia pelos alunos



Fonte: A autora, setembro de 2024.

Legenda: Aluno realizando atividade (A); Detalhe de uma das produções finais (B).

Atividades Acadêmicas e Encontros: Complementando a Experiência no PIBID

Além das atividades desenvolvidas diretamente na Escola Municipal Hilton Nunes, minha participação no PIBID também foi enriquecida por diversas experiências acadêmicas promovidas na UFMA, que contribuíram significativamente para minha formação e ampliaram meu repertório de conhecimentos, dentre as quais, destacamos:

Exposição de Experiências e II Mostra Científica

Durante os dias 29, 30 e 31 de maio, participei da Exposição de Experiências e II Mostra Científica da UFMA, onde tive a oportunidade de aprender mais e de compartilhar experiências com outros bolsistas.

Figura 3- Participação na Exposição de Experiências e II Mostra Científica



Fonte: A autora, maio de 2024.

Legenda: Registro da autora durante a exposição (A); Certificado de participação na atividade (B).

Semana da Consciência Negra

A Semana da Consciência Negra foi um marco importante na minha formação, onde participei de minicursos que abordaram as contribuições dos negros para a sociedade, além disso tive uma oportunidade valiosa para refletir sobre o racismo estrutural através da leitura e debate de obras literárias negras, um dos livros que mais me chamou atenção foi "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus, que narra a realidade de uma mulher favelada e catadora de lixo, mas que, apesar de todas as dificuldades, tinha o sonho de ser escritora e conseguiu realizá-lo.

Figura 4- Participação na Semana da Consciência Negra



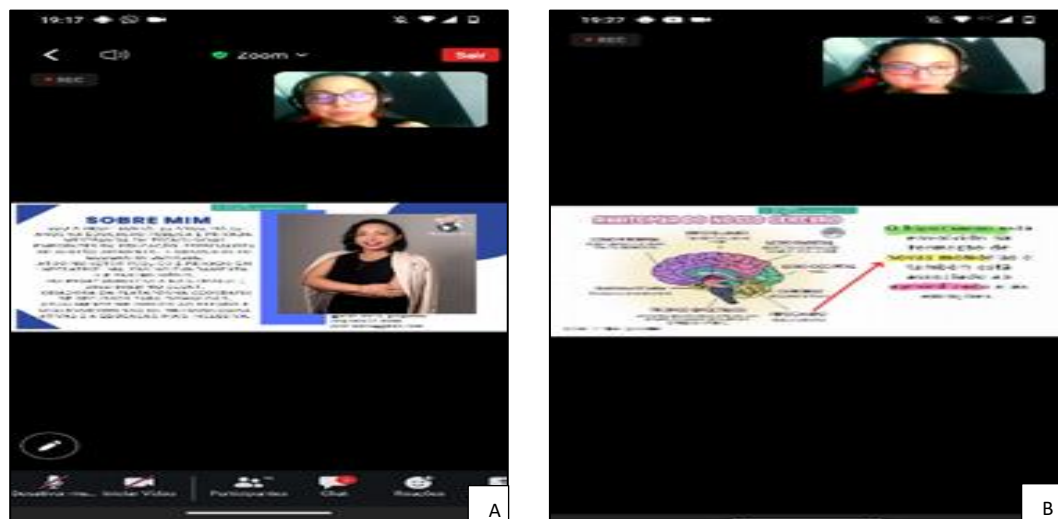
Fonte: A autora, novembro de 2024

Legenda: Registro do evento na quadra da faculdade (A); Certificado de participação na atividade (B).

Evento da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e Curso sobre Mapas Mentais

Além disso, participei de um evento da UEMA, de forma online, que trouxeram debates importantes sobre temas educacionais, também realizei um curso online sobre Mapas Mentais, que foi extremamente útil para minha prática pedagógica, foi um dos cursos mais interessantes que tive a oportunidade de participar durante a trajetória no PIBID.

Figura 5- Participação do curso de forma online.



Fonte: A autora, novembro 2024.

Legenda: Print da tela durante o curso (A); Print do material do c (B).

Palestra – O Espaço geográfico em movimento: O estudo da geografia através do Cinema.

Participamos de uma palestra enriquecedora com o professor César Alessandro Sagrillo, cujo tema foi "O Espaço Geográfico em Movimento: O Estudo da Geografia Através do

Cinema". A palestra foi realizada pelo Google Meet. Durante a apresentação, o professor sugeriu filmes e discutiu as temáticas que poderiam ser trabalhadas em conexão com cada um deles.

Figura 6- Participação de uma palestra online



Fonte: A autora, novembro de 2024.

Atividades Desenvolvidas no PIBID 2025: Primeiras Experiências

Embora este relato esteja centrado principalmente nas atividades do PIBID realizadas entre junho de 2023 e junho de 2024, é importante destacar também o início da nova etapa do programa, referente ao ano de 2025, ainda em andamento.

Nessa fase, tive a oportunidade de atuar na escola Municipal José Rodrigues da Costa, o que ampliou meu olhar sobre diferentes realidades educacionais e práticas pedagógicas. Entre as primeiras experiências, participei da organização e execução de atividades pedagógicas voltadas ao Dia dos Povos Indígenas, que buscaram valorizar a diversidade cultural dos povos originários, outra atividade significativa foi a Semana do Meio Ambiente, que possibilitou aos alunos a participação em debates, dinâmicas e produções voltadas à conscientização ambiental.

Dia dos Povos Indígenas

Uma das primeiras atividades realizadas no PIBID 2025 foi a comemoração do Dia dos Povos Indígenas, que teve como ponto de partida a leitura e discussão de capítulos do livro *Ideias para Adiar o Fim do Mundo*, de Ailton Krenak. A obra possibilitou reflexões sobre a relação entre a humanidade e a natureza, bem como sobre a sabedoria e a resistência dos povos originários.

A partir desse estudo, desenvolvi, junto com uma colega, a elaboração de um mapa interativo que representava os principais povos indígenas de cada região do Brasil. O exercício consistiu em identificar, por exemplo, quais povos predominam em cada região, evidenciando a diversidade cultural existente no território nacional.

Posteriormente, organizamos uma visita à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), onde os alunos puderam assistir a uma reportagem sobre lideranças indígenas, incluindo o próprio Ailton Krenak. A atividade foi significativa não apenas pelo conteúdo apresentado, mas também pela oportunidade de os estudantes conhecerem o espaço universitário e se aproximarem de debates acadêmicos.

Figura 7- Atividades do Dia dos Povos Indígenas:



Fonte: A autora, abril 2025.

Legenda: Alunos debatendo capítulos do livro de Ailton Krenak; (A); Elaboração do mapa interativo sobre os povos indígenas do Brasil (B); Visita dos estudantes à Universidade Federal do Maranhão (UFMA) (C).

Semana do Meio Ambiente

A Semana do Meio Ambiente foi marcada por atividades que estimularam a consciência ambiental e a criatividade dos alunos. Trabalhamos com o texto *Ética da Responsabilidade*, de Hans Jonas, introduzindo suas ideias e promovendo discussões em sala de aula sobre a importância da preservação ambiental e das práticas sustentáveis.

Em seguida, desenvolvemos um bingo ecológico, voltado para o meio ambiente, que despertou grande interesse dos estudantes. Outra atividade significativa foi a produção de jogos a partir de materiais recicláveis, realizada pelo meu grupo. Os alunos criaram jogos como tabuleiro, jogo da memória e jogo da velha, todos com materiais reaproveitados, se envolvendo ativamente e refletindo sobre a reutilização de recursos.

Posteriormente, durante a VIII Semana do Meio Ambiente da UFMA, levamos os materiais produzidos pelos alunos e desenvolvemos a atividade com estudantes da própria universidade. Tive a oportunidade de representar meu grupo na apresentação oral do trabalho, o que culminou na conquista de uma menção honrosa. Essa experiência foi extremamente enriquecedora, pois consolidou o aprendizado dos alunos da escola e também proporcionou um significativo desenvolvimento pessoal e acadêmico para mim.

Figura 8- Atividades da Semana do Meio Ambiente.



Fonte: A autora, junho de 2025.

Legenda: Bingo ecológico (A); Produção de jogos a partir de materiais recicláveis (B); Apresentação do projeto na UFMA e menção honrosa recebida (C) e (D).

Considerações finais

A experiência no PIBID me proporcionou a oportunidade de conhecer o dia a dia de um professor em uma escola pública. Observar a realidade pela perspectiva do educador é completamente diferente do olhar do aluno, permitindo compreender melhor o espaço em que, futuramente, atuarei.

Percebi que a Geografia é frequentemente considerada uma disciplina “chata” e pouco atrativa. No entanto, estratégias pedagógicas adequadas e uma didática centrada na compreensão dos alunos podem transformar essa percepção, tornando o aprendizado mais envolvente. Cada etapa do programa foi fundamental para desenvolver minha visão crítica sobre a prática docente e a relevância da educação no processo de transformação social.

As experiências vividas possibilitaram compreender as complexidades do processo de ensino-aprendizagem e a importância de uma abordagem centrada no aluno, atendendo às suas necessidades e potencialidades. Como ressalta Freire (1996), “ensinar exige consciência do inacabamento”, e percebo que ser educadora envolve estar em constante reflexão, aprendizado e transformação.

A interação com alunos e professores permitiu observar diferentes estratégias de ensino e adotar metodologias inclusivas e eficazes, construindo uma base sólida para minha futura atuação profissional. Comparando minha participação no início e no término do programa, percebo uma evolução significativa: se no começo me via como aprendiz, ao final me senti mais preparada e consciente do impacto que posso causar na vida dos estudantes.

Em resumo, minha participação no PIBID foi uma experiência enriquecedora e transformadora, contribuindo de forma significativa para minha formação profissional e pessoal. Além disso, a continuidade do programa em 2025 tem proporcionado novas oportunidades de aprendizado, ampliando minha atuação pedagógica e aprofundando meu olhar sobre diferentes realidades educacionais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do Desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. São Paulo: Contexto, 2001.
- CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2012.
- FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A Cartografia no ensino da Geografia**. Francisco Beltrão: Grafit, 2000. 148 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2010. 200 p.: il.
- McQUEEN, Steve. **12 anos de escravidão**. Brasil: Searchlight Pictures; Summit Entertainment; Entertainment One, 2014. Google Play.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 135 p.
- SIMIELLI, Maria Elena Ramos. **Cartografia no ensino fundamental e médio**. in: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999. – (Repensando o ensino). p. 92-108.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arador**. São Paulo: Todavia, 1. ed., 2019. 264 p.